

Conferência

VICENTE BELTRÁN ANGLADA



Diálogos Esotéricos

O Centro Místico do Coração

Conferências na Argentina

Centro Cultural de Santa Fé
Santa Fé, 31 de outubro de 1985

A VERDADE HÁ DE SE APRESENTAR DE TAL MANEIRA QUE CONVENÇA SEM PRENDER E QUE ATRAIA, MESMO SEM CONVENCER. ISTO SÓ PODE SER REALIZADO PELA LINGUAGEM DO CORAÇÃO.

O Centro Místico do Coração

Vicente. — As pessoas inteligentes e de boa vontade, seja qual for sua nacionalidade, sua fé ou sua crença, estão vinculadas necessariamente com um princípio ético universal presente no coração de todos vocês. Habitualmente aceitamos o coração apenas como um órgão destinado a movimentar a energia que dá vida ao organismo físico. Entretanto, é chegado o momento de se assinalar o verdadeiro valor causal ou divino do coração. Naturalmente, falar do coração hoje em dia, num mundo imerso em tantas crises e dificuldades, com o sofrimento engendrado pelas vicissitudes de tantos acontecimentos negativos, pode parecer romantismo ou superficialidade. Acho que vocês estão aqui porque o coração assim dispôs. O coração sabe mais do que nós mesmos. A mente limita-se a observar, a efetuar deduções, a criar obstáculos para a própria vida individual. O coração jamais se equivoca. Devido à pressão dos tempos e à angústia de tantos seres humanos que perderam a fé em si mesmos e nos demais, o coração real, aquele que nos dá vida e santifica nossa conduta está exigindo de nós um esforço de adaptação.

Através do tempo, temos criado um sem número de edificações internas para buscar o centro místico do coração, quer o chamemos de Deus, Verdade, Luz etc. Entretanto, a própria condição desta estrutura nos afastou radicalmente do centro místico do coração. Sem o convencimento vivo que só pode ser obtido através da Verdade, perdemos a fé em tudo e, o que é pior, a fé em nós mesmos. Então, apresenta-se ao investigador e às pessoas inteligentes e observadoras dos acontecimentos que nenhum sistema político, religioso ou social conseguiu introduzir o homem na câmara secreta de si mesmo. Isso implica acima de tudo que erraram seu caminho. Quando ocorre esta perda da fé e da esperança, é porque a estrutura social falhou, seja qual for a sua importância. A importância de uma organização não depende dela própria, depende dos homens que a governam ou daqueles que a construíram. Mas, se o próprio homem falha, se falha sua fé em sua própria estrutura, o que será da estrutura que ele tenha construído? Os tempos atuais são rigorosamente drásticos, e isso vocês podem comprovar se observarem atentamente o que está ocorrendo no mundo e em seu próprio país. Há uma convulsão total na organização específica que rege os destinos de uma nação. Não apenas na Argentina, mas em todos os países está ocorrendo uma precipitação de energia cósmica que propicia um despertar interno em todos os seres humanos, independentemente de sua condição, sua fé, sua crença ou os motivos de sua busca. Então, o que vamos fazer para reduzir a bagagem cármica dos acontecimentos? Que vamos fazer para introduzir-nos virtualmente em nós mesmos, onde se encontra o assento imutável da Verdade? Não seria deixando de depositar a fé nas estruturas que temos construído? Não seria atribuindo à mente uma importância secundária? A mente nos tem prejudicado, porque produz todas as complicações do tempo, não nos mostrou a Verdade pela qual ansiamos, não encheu nossa vida de paz, de tranquilidade, de fé e de esperança. Temos que retornar ao princípio, voltar ao que fomos sempre, conscientizando-nos do que somos agora, ver a diferença entre a virgindade do coração e o pecado da mente, aplicando ao pecado todo esse sistema discriminatório de valores psicológicos que nos tem separado uns dos outros. Qual é a condição necessária? Não será um prêmio à abnegação, mas um triunfo da compreensão acima das decisões da mente. Não se

compreende com a mente, com ela conhecemos as coisas, mas com o coração compreendemos exatamente nossa relação com os outros. E nessa relação tem falhado o espírito humano. Impõe-se, portanto, uma reorientação de todo o nosso equipamento psicológico, centralizando todas as nossas energias e dirigindo-as para o caminho justo e apropriado, o caminho que vai para dentro e não o que vai para fora. Para fora, o que vemos? A dor, o sofrimento, a angústia, a esperança, o temor de tudo aquilo que temos produzido. Para dentro está o desconhecido, a paz, o poder redentor, a salvaguarda dos interesses cósmicos.

Sendo assim, é possível esta reorientação nascida da compreensão e não do conhecimento intelectual. O homem pode ser erudito, pode ter uma mente plena de conhecimentos esotéricos ou profanos e, no entanto, não possuir a chave que abre a porta que leva ao coração. Isto é evidente, porque vocês perceberão que falharam todas as estruturas nas quais havíamos confiado. E se falha a estrutura, é porque falhou a base da própria criação, ou porque a criação foi induzida por falsos objetivos e perdemos assim nossa capacidade de decidir por nós mesmos. Já não decide o homem, decide a estrutura que ele mesmo criou. Nesta decisão da estrutura encontra-se fechado o caminho que leva ao homem interno, que somos todos nós, este ser humano glorioso no qual jaz a salvação do mundo, que não pode estar sujeito às variações temporais porque este ser interno vive na glória do Eterno. A glória do Eterno está aqui entre nós, e não se constitui numa meta distante. Podemos salvaguardar os valores do espírito e criar o novo tipo de homem desejado pela sociedade do futuro, mas não confiemos tanto no futuro como no presente. A única maneira de sermos criadores é dar início aqui e agora a um novo sentido de valores éticos e sociais, baseado no autoconhecimento, na atividade interna, na inoperância do "eu conceitual" que criou as modificações ambientais, que criou todo o sistema de valores estabelecidos, todos os departamentos da atividade humana. Tudo isso fracassou. Percebe-se o fracasso naquilo em que havíamos depositado nossas esperanças, porque aquilo não somos nós, aquilo é uma criação inexata, incorreta e até imoral, porque imoral é sempre a luta entre as diversas estruturas mentais criadas pelo homem. Brigamos por razões superficiais como, por exemplo, o caminho que leva a Deus, o caminho que leva ao coração. Não discutimos em termos de coração, mas em termos mentais, em termos de conhecimentos, em termos de estruturas.

Agora, com a pressão da Nova Era, com a pressão da energia cósmica que o coração humano está invocando, apresenta-se a oportunidade de uma nova glória social baseada na compreensão dos problemas humanos, não em simples estatísticas. Assim surgirá triunfante a Verdade que deve nos levar à Paz, ao equilíbrio de valores psicológicos, à Lei da justiça, paz integral e liberdade absoluta.

Interlocutor.— Devemos nos preocupar somente por nós, ou também por nossos filhos? Gostaria de saber sua ideia a respeito de educarmos nossos filhos para um mundo melhor. Mas, o que fazer, se as escolas os convertem em tecnocratas, peças da estrutura que governa o mundo?

Vicente.— Não podemos separar a vida do indivíduo da vida da sociedade em que ele vive, pois o homem criou esta sociedade. Uma sociedade organizada não se cria

ao acaso, ela é criada pela influência social dos homens, pela consciência social de todos e cada um dos seres humanos que nela vivem. Portanto, como temos orientado inadequadamente todos os sistemas educativos desde há muito tempo, nos deparamos agora com grandes problemas que temos que resolver como a educação infantil e, antes de tudo, a preparação dos próprios educadores. Os pais são os responsáveis pela educação dos filhos, têm a missão de amenizar as influências ambientais, criando para eles uma atmosfera de quietude e bem-estar. Isso não ocorre atualmente porque os pais estão preocupados com os problemas econômicos e sociais do nosso tempo e, naturalmente, não têm tempo para se dedicar exclusivamente à educação dos filhos. Entretanto, a primeira escola é o ambiente familiar, o ambiente dos pais. Depois vem o ambiente impróprio da educação em todos os níveis, e observamos a luta dos educadores contra uma estrutura educativa que não está em harmonia com a glória do momento presente. O educador tem que se sujeitar a esta estrutura férrea que é transmitida do passado ou renunciar a ser educador. Mas existe a linha de ação, propiciada pela inteligência humana, em que o educador pode ensinar às crianças não pelo sistema indutivo, mas pela radiação do afeto que sente por elas, sua vocação de educador, que nem todo mundo tem. Não tem nada a ver com os títulos honoríficos da universidade o fato de ser um bom educador ou um bom pai para preparar os homens do futuro. É a isso que me refiro quando falo da preparação do educador. Terá que estar muito atento para dar a elas, ainda dentro da estrutura construída, o alento e a fé nos valores infantis. Não há outro caminho nem alternativa. A boa educação depende da devoção ao ideal, da faculdade intuitiva do educador e do seu amor pelas crianças. Falta isto nos sistemas educativos e, como os educadores não estão bem preparados, as crianças não podem ser adequadamente educadas e não criamos pessoas inteligentes, mas pequenos robôs que devem memorizar as lições, atacando sempre a mente e não a compreensão do aluno. Existem códigos de valores essenciais na criança que devem ser preservados a todo custo se pensarmos no amanhã glorioso ao qual sempre faço referência. Devemos ter muita fé no ideal para não perverter a mente no sentido opressor criado pela própria educação quando ela está presa a uma estrutura rígida. São os educadores que devem promover uma grande catarse social dentro do plano da educação, trabalhando incessantemente para que a criança tenha a adequada educação.

Interlocutor.— A sua resposta sobre a educação infantil me pareceu magnífica, já que ninguém pode dar o que não tem. Para educar deve haver essa radiação que você mencionou. Em sua concepção, o que é o homem, de onde vem, por que está aqui e para onde vai?

Vicente.— Você está pedindo o passado, o presente e o futuro do homem. O passado será compreendido se analisarmos corretamente o presente, pois não há presente sem o passado que gera os antecedentes históricos da raça. Portanto, se ficarmos muito atentos ao que ocorre no presente, seremos conscientes do passado e também de certas parcelas do futuro, porque, de uma maneira filosófica, o passado, o presente e o futuro constituem uma unidade de consciência: o presente imediato, o eterno agora da consciência. Se vivermos integralmente o momento que estamos vivendo aqui e agora, o passado (sobre o qual está estruturada toda a consciência), e o futuro (que é algo ainda impreciso), ficarão realmente integrados e não haverá problemas de adaptação. Há três níveis no homem:

- O passado, que cria a subconsciência;

- O presente, que cria a consciência de vigília, com a qual estamos nos manifestando;

- A supraconsciência, que pertence ao futuro.

Evidentemente, não adquirimos ainda a faculdade da supraconsciência. Estamos trilhando o caminho que leva a ela, e isto só será possível quando formos capazes de liberar todas e cada uma das modificações sensíveis que constituem a subconsciência, o passado histórico da raça ou o inconsciente coletivo da humanidade, do qual foi segregada esta consciência que agora possuímos, que não é a consciência do eterno agora, mas sim uma consciência do passado. E é precisamente com esta consciência do passado, cheia de memórias e modificações, que tentamos ver claro no presente, o que é impossível. Então, como o presente é o resultado do passado, não podemos ver claro o futuro e, por isso, tememos o futuro. Para nos livrar desse medo, automaticamente criamos uma estrutura, seja ela social, política ou religiosa. O passado, gravitando sobre o presente, adquire mais volume, mais dimensão e, progressivamente, nossa consciência fica reduzida à de um robô que está tentando sair do caos provocado pela própria consciência coletiva.

O passado, por mais glorioso que seja, é falso se analisado a partir do presente imediato. Nós não vivemos no passado, estamos aqui e agora, e por isso nos sentimos impressionados pelos acontecimentos históricos. Assim, não encontraremos o caminho do coração ao qual estou me referindo; não teremos paz nem o equilíbrio de valores que há de trazer a liberdade de ação, a liberdade criadora no homem. Sem esta liberdade a sociedade será uma organização fechada, cheia de pequenas estruturas mecanizadas que lutam entre si em seu propósito de buscar a Deus. Toda esta coletividade de estruturas está inserida em uma organização maior que impede a verdadeira relação do homem com seu Criador. Nós somos o presente imediato e, no entanto, quando buscamos a Deus ou ao coração temos que recorrer aos métodos ou às disciplinas próprias das estruturas que criamos. Automaticamente deixamos de ser Eu para nos converter numa estrutura ou numa modificação da estrutura em que vivemos imersos, não podendo perceber a verdade, não podendo perceber a incrível majestade que existe no coração. Vocês não são uma estrutura, são um Eu triunfante, tenham isto sempre em mente! Se estão aqui e agora é porque percebem esta realidade; do contrário, não estariam. Querem viver este momento eterno, porque assim se liberarão automaticamente das incidências históricas do passado sobre o qual edificaram a consciência e, ao mesmo tempo, criarão as bases para vencer o medo do futuro.

Estamos todos sutilmente presos a algo que nos liga ao passado: os afetos emocionais, a fé do coração, até o dogma pode ser uma estrutura sobre a qual sentimos atração e nos é cara. Mas eu falo do ponto de vista do Eu que busca a si mesmo além de toda possível estrutura, porque esta modificação não trouxe paz nem alegria através do tempo, mas ofuscou sua razão e cristalizou-se na mente de uma maneira tão pesada e corrupta que progressivamente o homem deixou de pensar por si mesmo. Já não pensa o homem, pensa a estrutura, pensa o código de valores morais e éticos da tradição e do passado.

A Verdade não pode existir dentro de qualquer estrutura, porque aprisiona o homem, aprisiona sua mente e seu coração tornando-o indefeso diante da realidade

histórica. Podemos ter muitas e belas estruturas, porém é como o pássaro preso numa gaiola de ferro ou de ouro: ele continua preso. Estamos presos numa jaula, a jaula do passado e da incompreensão do presente. Falo do estado de consciência tão natural e tão ético que faz com que vocês sejam íntegros e completos aqui e agora. Um estado de paz e de quietude surge da liberação do Eu, triunfando de suas estruturas. Vocês são o presente, não se esqueçam!

Interlocutor.— O que é, para você, a mente?

Vicente.— O ser humano é antes de tudo um Eu espiritual que se manifesta através de três estruturas:

- a mente, que nos permite pensar, raciocinar, comparar e recordar;
- o corpo das emoções, dos desejos e dos sentimentos;
- o corpo físico, o organismo final para onde convergem automaticamente todas as flutuações, todas as atividades, todos os propósitos e metas do Eu espiritual.

A mente é um veículo do Eu, mas não é o Eu; o corpo das emoções nos permite ter desejos, sentimentos e emoções, mas não é o Eu; e o corpo físico, através do qual nos relacionamos objetivamente, tampouco é o Eu, é um simples corpo ou estrutura de que nos servimos. A mente é uma estrutura constituída por três aspectos fundamentais em forma de consciência: uma mente subconsciente, uma mente consciente e uma mente supraconsciente; é a medida da consciência através da mente. No corpo astral ou emocional também temos três estados: o simples desejo, a emoção e o sentimento. Naturalmente, o sentimento criador está aliado com a supraconsciência ou com a mente supraconsciente. A emoção é a base da consciência ou da mente consciente, e o corpo físico é constituído de sangue, nervos e coração. Teremos sempre três vertentes em cada um dos corpos. O homem utiliza a mente para pensar, o corpo astral para sentir e o corpo físico para agir, mas nenhum dos três corpos é o Eu. Não deveríamos dizer: "Eu penso", mas "Estou utilizando a mente para pensar"; tampouco "Eu desejo", mas "Meu corpo emocional está querendo algo". O desejo nos aproxima dos objetos desejados, e o corpo físico é um robô que só tem vida porque esta lhe é conferida pela mente ou pelo corpo das emoções. Estou lhes falando através do Eu que nada tem a ver com as estruturas. Assim, uma estrutura social também terá três amplas vertentes:

- uma subconsciente, que é o inconsciente coletivo da raça;
- uma consciência social, que corresponde ao presente;
- e também existe a glória do futuro que constitui a supraconsciência.

Estou falando da sociedade como resultado de nossas ações, não como algo criado pelo acaso, pois o acaso não existe. O que existe é a vontade do ser humano. Há muita responsabilidade nesta afirmação, porque os níveis sociais correspondem a uma vontade oculta que desconhecemos. Portanto, quando se fala do conhecimento de si mesmo fala-se também do conhecimento do Eu espiritual primeiro, do conhecimento da consciência mental, do conhecimento da consciência astral e do conhecimento da consciência física. Isto se reflete na sociedade, porque a sociedade atual é produto das modificações da tripla consciência a que me refiro. Por isso digo que o ser humano é o criador de tudo o que o envolve: o ambiente social em que vive, seu ambiente familiar, seu ambiente

profissional, seu ambiente social completo, abarcando ou traspassando os limites do que se constitui na alma nacional. Em muitas ocasiões em que me dirigi ao povo argentino tive o prazer de lhes dizer que o que ocorre aqui é o que ocorre no coração de vocês, vocês são a Argentina. A Argentina não é algo abstrato, são vocês que criam as modificações sensíveis nesta sociedade que agora está emergindo lenta e inexoravelmente para a paz e para a liberdade.

Interlocutor. — A mente, em um momento determinado que pode ser de relaxação, faz com que uma pessoa retroceda no tempo e chegue a lugares ou esteja com pessoas que acredita ter conhecido. A que se deve isso?

Vicente. — Quando a mente, mediante o exercício da atenção ao imediato, a esse eterno agora, se torna transparente, limpa e brilhante como um espelho, pode refletir o passado e o futuro, porque neste momento ela reflete o eterno agora, está no centro do passado e do futuro. Todos nós já tivemos em algum momento essas revelações do passado. Mas, cuidado! O passado prende e cristaliza a mente. Estou falando de um estado de consciência fúlgida e brilhante que permite refletir num dado momento o que foi o passado e o que será o futuro. Mas isso não tem um valor essencial, é um incidente meramente histórico. Amanhã vocês poderão recordar este momento atual, mas não se apegarão a ele; simplesmente o refletirão em suas mentes sem lhe dar maior importância do que ele tem agora. É o que necessita a atenção: o presente é o que interessa, o passado pode ser refletido em qualquer momento do presente. Se a mente estiver firmemente estabelecida em paz, harmonia e segurança espiritual, não se apegará a esses reflexos do tempo. Nós somos o reflexo do tempo que trata de refletir-se no espelho da mente. Quando a mente for transparente, refletiremos no presente algo que pertence à própria imortalidade do homem. Aquilo que se perguntava: Quem fui no passado, quem sou no presente e quem serei no futuro já não são incógnitas, porque o que fomos, o que somos e o que seremos é o mesmo, é um dado que passa pela mente, é um filme que passa pela tela mental; vocês podem aderir ao que está se passando na tela, sigam o que está no presente, não reflitam cenas passadas, porque paralisariam o filme e o futuro nunca se revelaria, porque o futuro está trazendo ao presente grandes e maravilhosas coisas e acontecimentos.

Interlocutor. — As pessoas que estão trabalhando em defesa da natureza, sobre que pontos teriam que centrar sua atenção para que a relação humano-dévia aumentasse e o trabalho fosse cada vez mais intenso com os devas? Como teriam que atuar aqueles que estão defendendo o meio ambiente para que se retorne à relação que havia entre os homens e os devas?

Vicente. — Existem três tipos de ecologia. Cada estrutura está emitindo no ambiente ecológico uma série de atividades nefastas, porque mentalmente criamos um ambiente nocivo com a imoralidade dos próprios pensamentos ou através da luta para que triunfe uma crença determinada. Isto é criar no ambiente ecológico uma sede infinita de corrupção do eu que impressiona singularmente as crianças e também as pessoas muito sensíveis. Outro tipo de ecologia que deve ser desenvolvido é o equilíbrio do eu que se manifesta através do corpo emocional. Qual é a índole das emoções

humanas? O sentimentalismo, o romantismo, o misticismo, tudo o que serve de origem para as aspirações humanas. Quando falha a fé na estrutura e o sentimento de integridade vai se diluindo, há um sentimento de frustração em nós, o que altera a ecologia ambiental. Quando sentimos medo, preocupação, ódio, rancor, ambição, egoísmo, o que estamos fazendo realmente? Estamos criando um desequilíbrio total na ecologia, no aspecto emotivo. E o que fazemos com o corpo físico, esta estrutura tão bela e tão bem disposta pela criação? As atividades através do corpo são errôneas, temos perdido o limite da ação do corpo, o qual já não é um instrumento da nossa vontade, convertido em senhor, suplantando o Eu. Isto cria uma ecologia distinta da ideal, pois quem não se comportar adequadamente através de sua estrutura física estará criando uma modificação ambiental verdadeiramente negativa como, por exemplo, a respiração de uma pessoa que não esteja sadia, a atração magnética das pessoas que possuem um campo magnético próprio. Esta luta entre estruturas é incessante, porque não temos amor. Ela criou uma radiação nefasta para o ambiente ecológico físico.

Vocês dirão que falo da ecologia num sentido místico, mas tudo o que existe de ecologia alterada no mundo atual provém da alteração de uma ou outra de nossas estruturas conhecidas: a mente, a emoção e o corpo. Quando ocorre algo que altera profundamente a ecologia terrestre dizemos: a culpa é dos governantes que produzem bombas atômicas, ou das grandes indústrias que geram grande poluição! E essas coisas ocorrem porque a estrutura tripla do ser humano fracassou ou está fracassando. Uma estrutura humana realmente harmônica jamais produziria no ambiente que o rodeia uma alteração nefasta da ecologia que deve ser sadia, pura e radiante. Deve-se trabalhar também neste sentido, porque o Eu se encontra aprisionado e ferido por essas três estruturas, não é o dono e senhor das estruturas, mas elas o estão condicionando constantemente. Se o homem está sendo condicionado pelas estruturas, o ambiente está condicionado ecologicamente também. Devemos trabalhar para a descoberta do Eu espiritual. Então, tudo o que vier deste Eu será puro e radiante porque as estruturas seguirão o impulso da vontade do ser humano e não o que segue o instinto próprio da evolução das estruturas.

Interlocutor. — Que papel representam as distintas correntes religiosas?

Vicente. — Todas as organizações do mundo que se apoiam na liberdade genuína do homem são caminhos corretos. Deus não impôs ao homem nenhum código de justiça, nem tampouco nenhum dogma que cristalizasse sua fé nos valores eternos; disse-lhe: “Sê livre e responsável”! Então, as correntes religiosas dependem muito da inteligência das pessoas que as estão seguindo ou que se deixam influenciar por elas. Para chegar a Deus só há um caminho: a liberdade do homem. Se não houver liberdade, se o espírito humano se sentir condicionado, terá traído o Deus interno, este Deus que desde o princípio dos tempos lhe dá vida e inteligência. Toda a base social da humanidade está escrita com caracteres indelévels no coração, aí está a justiça, a paz, a ordem e a harmonia. Ao se perder a fé nesses valores surge o temor e, portanto, a busca por uma estrutura ou corrente religiosa. Então o homem sai de si mesmo porque todas as correntes religiosas se apoiam numa máxima idêntica: o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, ou Deus está contigo, ou tu és Deus em essência. Então, porque se criam tantas correntes religiosas? Para que, através dessas estruturas, por sua capacidade

de condicionamento, se estabeleça a falta genuína de liberdade individual. As organizações falham em suas bases. O ser humano inteligente compreende isso, e se estiver em alguma delas será para ajudar a libertar os homens dessa estrutura, não para condicioná-los e torná-los escravos de uma crença, de uma religião, de uma ordem sectária ou de um dogma preconcebido, porque falha em sua base a realidade, a verdade, a paz, a ordem e a justiça. Se todas as religiões buscam a mesma coisa, buscam a Deus que é paz e justiça no coração, porque tantas lutas e tanto antagonismo na vida religiosa dos povos? Não percebem que falharam, e que progressivamente deixou de ser livre o homem para converter-se numa máquina conduzida pelo alento de qualquer corrente de vida espiritual ou de vida religiosa? Só o homem conhece o caminho secreto de seu coração, isto deve ser ensinado às crianças. No dia em que o homem compreender isto, o mundo verá outra realidade, uma justiça social perfeita, uma ordem social nova e, portanto, paz e liberdade para os povos. Paz e Liberdade para esta ordem que temos o dever social de criar.

Interlocutor.— Gostaria que ampliasse um conceito que você expressa em um de seus livros com respeito à mediunidade praticada nas reuniões espíritas.

Vicente.— Quando a pessoa perde a fé, ou a está buscando em seus valores internos, forçosamente tem que encontrar um substitutivo. Então surgem os condicionamentos, seja qual for sua origem, os motivos e os objetivos. Às vezes me pergunto por que estamos tão interessados em dialogar com os mortos. O conhecimento da vida post-mortem, vista clarividentemente, poria ante nossa visão imediata uma cena muito distinta da que estamos criando com nossa vida psíquica, com esse interesse de participar conscientemente da vida no além.

O movimento espírita, com sua devoção, seu significado e sua força, surgiu em 1875 através de Mme. Blavatsky e de outros eminentes introdutores da fé espiritual, mas as pessoas em geral gostam de presenciar fenômenos. Num mundo científico e técnico, o fato de querer dialogar com aquilo que está além de nós mesmos pode se constituir em grave erro, um carma, porque estamos falando de algo que está fundamentado nas leis sociais mais antigas e nos contextos históricos mais distantes da história: que o homem está relacionado com todos os planos da natureza, mas o plano que mais interessa é o plano físico, onde está desenvolvendo suas atividades de consciência.

O homem deve estar atento ao presente, porque tudo o que está fazendo pode ser contraproducente com as leis místicas da natureza. Sabemos que temos três corpos e que todos eles são perecíveis. Isso traz como consequência uma nova filosofia do espírito, que não é somente a morte do corpo físico. Mas, o que acontece além do corpo físico? Existem leis que desconhecemos, e a invocação dos mortos pode ser perigosa. Não para nós, mas para os próprios falecidos, porque na sociedade que nos cerca existem cúmulos de interesses coletivos que têm a ver com aquilo que se passou, mas não corresponde ao plano do presente. Não vou dizer que não exista a quarta dimensão, ou a quinta, mas não sabemos o que ocorre além, pois ainda não desenvolvemos os poderes do Eu espiritual, estamos sendo condicionados por simples estruturas. Quando a estrutura é mais forte que o Eu, rendemos culto ao maravilhoso, ao oculto e desconhecido, porque

achamos que ali está a solução dos problemas sociais. Mas, quando uma pessoa não está no plano dos vivos, está em um plano tão distinto do nosso que ao medi-lo com a inteligência tridimensional se converte em algo estático, causando estatismo em nós mesmos e nas pessoas que passaram pelo fenômeno da morte. Porque estamos tão interessados no que ocorre depois da morte? Porque ainda não sabemos resolver os problemas que temos aqui na terceira dimensão e, portanto, fazemos como os cientistas que lançam foguetes ao espaço para descobrir novos mundos, quando há tantas coisas para descobrir neste mundo do presente imediato e na ordem social estabelecida!

Pode parecer que eu nego a existência destas dimensões, mas, pelo contrário, afirmo que elas existem e que nelas há vida como aqui, numa ordem social diferente, mas vinculada à ordem social que estamos criando aqui. Existem também dimensões em que o homem social é puro, inteligente, amoroso, diferentemente do que estamos todos criando aqui. Falo sempre do homem daqui, porque é aqui que se trabalha, é aqui que deve ocorrer a grande catarse da sociedade. Estou falando de um mundo novo, uma dimensão desconhecida dentro desta própria dimensão, e isto é o que deve ser averiguado aqui e agora, no presente imediato, pois se aqui no presente imediato somos inteligentes e virtuosos, tudo mais, tudo o que constitui uma investigação serena estará ao nosso alcance. Então veremos coisas que nos surpreenderão por serem maravilhosas e esplendentes.

Interlocutor.— Que importância tem a evolução dévica na evolução humana, e de que forma o homem pode ajudar essa evolução?

Vicente.— Os cientistas ainda não conseguiram esclarecer o que é a energia. Todas as formas de energia têm origem cósmica e sofrem modificações ao passar pela atmosfera terrestre. A eletricidade cósmica, que gera acontecimentos cósmicos, chega a nós amortecida na forma da eletricidade que conhecemos. Para saber exatamente o que é a energia, os cientistas deverão penetrar em outra dimensão do espaço e tomar conhecimento da existência destas forças ou desses planos. Quando as religiões ensinam que existem anjos ou deusas que estão constantemente ajudando os homens, estão se referindo aos intermediários entre Deus e a religião. Com isso a ideia da energia angélica fica condicionada dentro da própria religião, sem dar importância aos acontecimentos que ocorrem fora dos templos. A Natureza é viva, não é uma entidade inerte, está em constante movimento, produzindo a passagem das constelações que dão vida às estações, a passagem dos planetas, a passagem de tudo o que existe além do conhecido, está dando vida ao conhecido. Os Deuses ou Anjos são os promotores dessas condições, mas como falar de anjos numa era extremamente técnica? E, no entanto, de onde procede a técnica? A técnica exige energia, não pode existir essa descoberta técnica sem a utilização da energia. Esta energia desconhecida se chama dévica, uma energia que não é a utilizada pelo homem, mas que atua de forma muito distinta em sua apreciação. Quem leu esoterismo ou estudos ocultos saberá que existe uma máxima que define ativamente o que é a realidade: "a energia segue o pensamento". Mas, o que se deve entender por energia e por pensamento? O pensamento é produzido pelo homem, mas a energia do pensamento não é do homem, é etérica. Ao sair do cérebro como uma onda magnética já não é o próprio pensamento do homem, é algo além disso: é energia, a energia dévica. Portanto, aqui há uma explicação da razão pela qual os pensamentos,

desejos e atividades dos seres humanos se transmitem à ordem social, porque o homem é criador e o Devo, a energia, é quem constrói as formas. Esta é a explicação mais racional e científica ao meu alcance neste momento; o homem pensa e, ao pensar, emite radiações com as quais certos agentes do espaço, invisíveis à vista comum, confeccionam tudo aquilo que chamamos pensamentos e desejos. E vou mais além: o corpo mental é uma modificação da energia cósmica por meio de atividades dévicas, e isto constitui o que chamamos de mente. Existe uma modificação da energia cósmica que, ao se manifestar na estrutura emocional do ser humano, está se convertendo também em um elemento dévico ou de energia sintética com a qual sentimos, desejamos e temos emoções. Finalmente, temos o corpo físico que é a expressão de uma energia cósmica modificada na terceira dimensão do espaço, da mesma forma que o corpo emocional é uma expressão da quarta e o corpo mental da quinta dimensão, considerando sempre a tríplice estrutura do homem. Não dizemos que o homem não seja a sua estrutura; se o homem não é o corpo, quem criou o corpo? Se o homem não é o seu desejo, quem criou o desejo ou o corpo de desejos? E se o homem não é a mente, quem criou a mente? Este é o grande desafio do investigador esotérico! Devemos buscar soluções fora do que dizem as religiões, as filosofias e os credos de todos os tempos. Somos antes de tudo investigadores, e aqui há um soberbo campo de investigação: Quem criou nossos corpos? Foram os anjos ou deusas, os senhores da energia qualificada que produzem todo tipo de formas, as quais permitem tecnicamente que eu possa falar para vocês e que vocês possam me escutar através do espaço que nos envolve. O que existe nesse espaço? O que é este ambiente social que nós mesmos criamos, senão a participação consciente dessas forças invisíveis na ordem social de nossa vida? Aqui há um campo imenso de investigação que os convido a penetrar, pois assim descobrirão a origem mística de todas as estruturas, sejam as estruturas do homem ou a estrutura social em que vivemos imersos.

Interlocutor.— Por favor, fale sobre estas associações: Mestre Saint Germain, Argentina, América, grupos esotéricos ou grupos espirituais de Santa Fé e Argentina.

Vicente.— Onde houver homens de boa fé, homens com esperança no futuro, onde houver espírito de investigação e amor, existirá uma força desconhecida, acima de todas as forças e energias conhecidas. Tenho falado do termo descritivo da energia como entidade, ma entidade dévica ou um grupo de entidades dévicas. Para falar em termos humanos teria que me referir a uma humanidade que está além das dimensões conhecidas, que eu defino como humanidade superconsciente, Grande Fraternidade Branca do Planeta, ou os grandes Seres que guiam os destinos espirituais do nosso mundo. O Conde de Saint Germain é simplesmente um dos tais moradores dos mundos perfeitos. Todas as associações esotéricas, místicas, espirituais, cujo sentimento infalível é a paz, a liberdade do ser humano e a consciência social dos povos, hão de estar forçosamente dirigidas e dominadas internamente por essas grandes entidades que estão ansiosas por nos ajudar, que estão procurando despertar os nossos corações para a realidade. Todo esse conglomerado de energia cósmica canalizada através da Grande Fraternidade está operando no coração de cada um. No coração está a sede da Fraternidade, e vocês estão velando constantemente esta Grande Fraternidade, esta grande Fé, esperança no futuro, este amor aos demais. Então, por inspiração interna, se aperceberão de que existe uma vinculação perfeita entre o coração do homem e o coração da Grande Fraternidade Cósmica da qual nossa Grande Fraternidade Planetária é apenas uma pequena parcela.

Um momento de silêncio, por favor. Muito obrigado por sua assistência.

Digitalizada pelo Grupo de Transcrição de Conferências (G.T.C.) 25 de Maio de 2007